

# OS CONHECIMENTOS E AS PRÁTICAS DE POETAS ADULTOS SOBRE LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTOS ORAIS E ESCRITOS

July Rianna de Melo

Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco, Brasil

[julynha\\_melo@hotmail.com](mailto:julynha_melo@hotmail.com)

**Agência Financiadora:** Não contou com financiamento

**Eixo temático:** Alfabetização de jovens e adultos.

## **Resumo:**

Este artigo buscou investigar os conhecimentos e as práticas de poetas adultos quanto à leitura e a produção dos textos. Adotamos como procedimento metodológico a entrevista semiestruturada e, para analisar os dados, recorremos à análise de conteúdo. Os resultados evidenciaram que as práticas de produção textual dos poetas estavam relacionadas com os conhecimentos que eles tinham sobre os gêneros textuais que produziam e, também, de como faziam uso de certas habilidades de leitura e escrita.

**Palavras-chaves:** Poetas Populares; Leitura; Produção Textual.

## **Abstract:**

This paper aims to investigate the knowledge and practices of adult poets on reading and production of texts. We adopt as a methodological procedure to semi-structured interview and to analyze the data, we used the content analysis. The results showed that the textual production practices of the poets were related to the knowledge they had about the genres they produced and also how to make use of certain reading and writing skills.

**Keywords:** Popular Poets; reading; Textual production.

## Introdução

A arte de compor versos e improvisá-los não é algo tão simples quanto possa parecer. Há uma série de regras e procedimentos que envolvem o processo de construção dos textos, sejam estes materializados de forma oral ou escrita. Os poetas populares que contavam/cantavam sobre temas variados e divertiam seus ouvintes tornaram-se, ao longo dos anos, uma forte expressão da arte poética e literária popular, sobretudo no Nordeste brasileiro. A esse propósito, Sautchuk (2009), em sua tese de doutorado intitulada “A poética do improviso: prática e habilidade do repente nordestino”, investigou, a partir da etnografia, os principais fundamentos práticos dos poetas repentistas, suas habilidades, métodos e estratégias da criação poética. Nesse estudo, Sautchuk, revelou a complexidade que envolve o fazer poético dos cantadores e algumas das dimensões sociais, culturais e ideológicas que perfazem tais práticas. O repente, gênero textual da literatura popular, é definido por Sautchuk (2009, p. 9) como a “poesia criada no ato da sua exposição oral”, na qual, no arranco do grito<sup>1</sup>, o poeta exprime o seu modo de viver e de construir a própria realidade.

Não podemos negar que a oralidade, como uma das formas constitutivas da linguagem, esteve subjugada pela escrita, já que esta última tornou-se símbolo de prestígio social. Assim, muitos dos poetas populares eram tidos como sujeitos “iletrados” e “analfabetos” e as suas produções assumiam um caráter meramente folclórico. Durante muito tempo, foi renegada a essa literatura oral o estatuto de texto artístico, já que as suas formas distanciavam-se das sacralizadas pelos cânones literários, cuja tradição tem privilegiado a escrita. Ainda hoje, há aqueles que, equivocadamente, defendem a supremacia da escrita em detrimento da oralidade, adotando uma visão dicotômica ente ambas.

Mas, é preciso reconhecer que o cordel e o repente apresentam modalidades diferentes (oral e escrita). A primeira é impressa na forma tradicional dos folhetos, muito embora possua marcas da oralidade em seu texto e forma (GALVÃO, 2001). Já na segunda, o repente, como anteriormente aludimos, os versos são improvisados ao som da viola. No livro “Cordel: leitores e ouvintes”, Galvão (2001) buscou compreender os meandros da literatura de cordel em Pernambuco e quem eram seus leitores e ouvintes nas décadas de 30, 40 e 50 do século passado. Este estudo revelou o papel educativo presente na leitura e audição dos cordéis, já que muitas pessoas eram alfabetizadas com esses folhetos, como autodidatas. Para além disso,

---

<sup>1</sup> Título do livro publicado por Maria Ignez Novais Ayala. **No arranco do grito – aspectos da cantoria nordestina**. São Paulo: Ática, 1988.

os cordéis constituíam a principal mediação entre os sujeitos e o mundo da leitura e escrita. Naquelas décadas, os baixos índices de escolarização e as altas taxas de analfabetismo era uma realidade brasileira. Eles chegavam, até as primeiras décadas do século XX, a quase 70% da população com mais de 15 anos (GALVÃO, 2002). Ainda hoje, sabemos que, apesar das inúmeras iniciativas e esforços empreendidos, por parte de professores, pesquisadores, escolas e universidades, esses índices de analfabetismo no país ainda são preocupantes, como demonstra os dados emitidos pelo IBGE em 2013<sup>2</sup>.

Vale ressaltar que, muitas pessoas podem até ser consideradas alfabetizadas, mas terem dificuldade para usar a leitura e a escrita no dia-a-dia. Entendemos, todavia, que mesmo aqueles sujeitos que se encontram na condição de “analfabetos” (que não leem ou escrevem de forma convencional) apresentam diferentes níveis de letramento, já que estão em permanente interação com textos de diversos gêneros e diferentes suportes e participam, ainda que de maneira limitada, de práticas sociais de leitura e escrita. Nessa perspectiva, a análise de como adultos não alfabetizados participam de determinadas situações comunicativas oferecem relevantes informações para a compreensão dos conhecimentos e das práticas desses sujeitos, que são diferentes daquelas usadas por adultos escolarizados com plena inserção na cultura escrita.

Este artigo pretende colaborar para a compreensão dos conhecimentos e práticas de um grupo específico de adultos, alfabetizados ou não: os poetas populares. Assim, buscamos compreender, especificamente, os conhecimentos e as práticas de poetas adultos no que se refere à leitura e à produção dos textos orais e escritos. Como objetivos específicos, delimitamos os seguintes: analisar as estratégias comumente mobilizadas pelos poetas durante o processo de construção dos textos; identificar como ocorreram os primeiros contatos dos poetas com os gêneros literários que produzem; reconhecer as temáticas mais recorrentes nas produções dos poetas e o processo de escolha destas.

## **Metodologia**

Adotamos, nesse estudo, uma abordagem qualitativa, que, de acordo com Minayo (2011), se ocupa do universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes.

---

<sup>2</sup> Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística do ano de 2013 demonstraram que cerca de 8% da população brasileira com mais de 15 anos ainda é analfabeta, isso resulta em aproximadamente 13 milhões de analfabetos. O Nordeste continua sendo, na faixa etária citada, a região com a maior taxa de analfabetismo.

No entanto, por entendermos, assim como essa autora, que não existe dicotomia entre qualidade e quantidade, recorreremos também a uma abordagem quantitativa, na medida em que ambas podem interligar-se.

Para investigar os conhecimentos e as práticas dos poetas no que se refere à leitura e a produção dos seus textos, selecionamos, para participar desse estudo, 6 (seis) poetas adultos, alfabetizados e não alfabetizados, que produziam textos literários orais e/ou escritos (cordel, repente, etc.) e residiam na região do Agreste Pernambucano. No Quadro 1, a seguir, encontram-se algumas informações sobre os participantes:

**Quadro 1. Perfil dos entrevistados**

<b>Nome (Fictício)</b>	<b>Idade</b>	<b>Profissão</b>	<b>Gênero textual produzido</b>	<b>Escolarização</b>	<b>Domínio da leitura e escrita</b>
Cícero	31 anos	Cordelista e Repentista	Repente e Cordel	8º série do Ensino Fundamental	Lê e escreve com fluência
Cláudia	49 anos	Professora	Poesia e cordel	Pós-Graduação em Letras	Lê e escreve com fluência
Marisa	52 anos	Funcionária Pública	Poesia e conto	Ensino Médio	Lê e escreve com fluência
José	55 anos	Agricultor	Repente	Não concluiu nenhuma série/ano	Não lê, nem escreve. Apenas assina o próprio nome.
Pedro	56 anos	Agricultor	Poesia	6º série do Ensino Fundamental	Tem dificuldade em ler e escrever.
Antônio	64 anos	Agricultor	Repente	4º série do Ensino Fundamental	Lê e escreve apenas algumas palavras.

A partir dos dados expostos nesse quadro, notamos, primeiramente, que os poetas apresentavam idades distintas, tendo o mais jovem 31 anos e o mais velho 64. Percebemos que os entrevistados com a faixa etária entre os 31 e 52 anos, mais novos, possuíam maior grau de escolaridade e pleno domínio das competências de leitura e escrita. Diferentemente dos poetas mais velhos (entre 55 e 64 anos), que tiveram menos acesso à escola e que ainda eram considerados “analfabetos”. Ao longo das suas trajetórias de vida, estes sujeitos, residentes das áreas rurais, tiveram que abandonar os estudos e ajudar no sustento das famílias, dedicando-se ao trabalho na agricultura.

A fim de atendermos aos objetivos de pesquisa explicitados anteriormente, utilizamos entrevistas semiestruturadas, que consistem em uma série de perguntas verbais abertas, em uma ordem prevista, na qual o entrevistador pode acrescentar perguntas de esclarecimento (LAVILLE, DIONE, 1999), o que nos permitiu melhor compreender como cada indivíduo elabora os seus próprios textos. Logo após realizarmos esse procedimento com os poetas, transcrevemos na íntegra todo o conteúdo das entrevistas.

Os dados gerados a partir dos procedimentos metodológicos explicitados foram tratados a partir das análises de conteúdo (BARDIN, 1979). A análise de conteúdo foi desenvolvida por temas (análise temática categorial) e envolvia as seguintes etapas: pré-análise, análise do material (codificação e categorização da informação), tratamento dos resultados, inferência e interpretação.

## **Resultados e discussão**

### **As primeiras produções textuais dos poetas e o contato com os gêneros literários que produzem**

Como nos propusemos analisar os conhecimentos e as práticas dos poetas (não) alfabetizados no que se refere à leitura e a produção dos textos orais e escritos, buscamos, a princípio, identificar o período de início das produções textuais desses sujeitos. No Quadro 2, a seguir, apresentamos, as fases em que os poetas começaram a produzir os respectivos gêneros da literatura popular: cordel, poesia e repente.

**Quadro2. Período de início das produções textuais**

<b>Poetas</b>	<b>Período de início das produções textuais orais e escritas.</b>
Cícero	Infância
Cláudia	Infância
Marisa	Adolescência
José	Infância
Pedro	Adulto
Antônio	Infância

Ao observarmos os dados do Quadro 2, notamos que a maioria dos poetas deram início às suas produções literárias ainda na infância. Constatamos, também, que apenas 1 dos

entrevistados começou a produzir na adolescência e outro já na vida adulta. Tais informações ainda podem ser evidenciadas no trecho da entrevista apresentada a seguir, no qual um dos poetas relembrou as suas primeiras apresentações nas cantorias e produções dos folhetos de cordel<sup>3</sup>, ocorridos na infância:

Eu com quatro, cinco anos já cantava. Mas comecei a cantar mesmo depois dos sete anos. Eu via alguns repentistas cantando e também cantava junto com eles. A gente também escutava em casa esses LPs de cantoria. Os primeiros cordéis eu comecei a fazer cedo, com uns onze, treze anos (Cícero).

No trecho de entrevista apresentado mais adiante, averiguamos como aconteceram os primeiros contatos de José, ainda pequeno, com o repente. Nessa época, o rádio era um dos espaços em que se realizavam a audição das cantorias, tornando-se um dos meios de comunicação mais usuais nas áreas rurais de Sanharó e cidades circunvizinhas, principalmente nas décadas de 60 e 70 do século passado. Percebemos a pertinência desta colocação quando observamos a fala do poeta: “Desde mulequim pequeno eu já fazia o repente. Eu ouvia no rádio os outros tocando e ouvindo os outros tocando eu fui decorando algumas coisas. E eu também participava de umas cantorias” (José).

Além disso, era comum as pessoas daquela época reunirem-se em grupos para declamar poesias, ler cordéis em voz alta e contar “histórias de trancoso”. Segundo Galvão (2001), essa prática de leitura e audição de folhetos não era exclusiva das camadas populares. Ela também ocorria, frequentemente, nos meios considerados eruditos. Sobre essas práticas, Cláudia, que também começou a produzir poesias na infância, mencionou o seguinte:

Desde a época que nasci, que era criança, nós não tínhamos energia. Então, a energia de lá era gerada por um motor. Só funcionava até às 10 horas da noite. Então, enquanto tinha energia, nós fazíamos a leitura dos cordéis e dos livretos de literatura de cordel, como: O Pavão Misterioso e os Três Conselhos da Sorte, que foram os que ficaram na minha memória. [...] Quando era nas noites de lua cheia, nós não tínhamos o que fazer, então, sentávamos na calçada para contar histórias de trancoso, pra fazer a literatura de cordel. Então, cada noite uma pessoa fazia uma leitura diversificada e era esse o meu contato. E através desses cordéis, eu lia e procurava ir escrevendo. Por que eu aprendi ler quando eu tinha 6 anos de idade. Quando comecei a fazer poesia aos meus 10 anos de idade, eu ganhei a minha primeira poesia na rádio de Belo Jardim, no concurso de poesia para as mães.

Em muitas situações, as cantorias ocorriam no mesmo lugar em que se realizavam a leitura dos folhetos de cordel. Antônio, um dos repentistas entrevistados, estava habituado,

---

<sup>3</sup> Primeiro cordel de sua autoria foi em forma de peleja entre cantadores, no qual dois poetas compõem versos de improviso, um contra o outro.

desde criança, a se apresentar em praça pública, programas de rádios e comícios políticos. “Eu comecei a fazer a fazer verso com doze anos de idade. Hoje tenho 64 anos. É muito tempo, né?”, disse Antônio ao recordar o início da sua produção poética.

A admiração de Pedro, outro participante do estudo, pela literatura popular surgiu, também, desde muito cedo. Filho de repentista analfabeto, ele costumava acompanhar o pai nas cantorias e ouvi-lo ensaiando durante o trabalho na agricultura. Embora tivesse tido contato com os gêneros (poesia e repente) na infância, Pedro iniciou a produção dos textos apenas na idade adulta. Ele esclareceu que, “aos 45 anos de idade veio um dom, acho que dado por Deus, e comecei a criar poesias. Eu no canto quieto veio àquelas inspirações de ir fazendo rima, montando as estrofes e daí foi surgindo de ir fazendo essas poesias”.

Já para Marisa, o início do processo de construção das poesias ocorreu na adolescência. Embora seus pais não fossem leitores desse gênero, aos 13 anos de idade ela começou a ler alguns romances, como “A Moreninha”, de Joaquim Manuel Macedo, o que a incentivou, mais tarde, a produzir os textos.

As minhas poesias eu comecei a escrever inocentemente a partir dos 15 anos. Na verdade, eu não sabia que eu estava escrevendo poesia, até que uma professora viu os meus rascunhos e perguntou se eu escrevia poesia. Então como eu não sabia bem o que era poesia, o que significava. Eu fui para a biblioteca, pesquisei e vi que eu estava escrevendo alguma coisa parecida com poesia [...].

Embora esses poetas tenham iniciado o processo de produção dos textos em períodos distintos, evidenciamos que, todos os entrevistados tiveram contato com os gêneros literários que produziam, quer orais ou escritos, ainda na infância. Esse dado nos pareceu indicar que, oportunizar às crianças, experiências autênticas e significativas com os textos é um caminho necessário para que elas aprendam, desde cedo, a refletir e utilizar diferentes estratégias de leitura e produção de textual. Certamente, isso não é algo que elas aprenderão por si mesma e de forma imediata, mas mediadas por alguém que as ajude a perceber o caráter funcional e social que envolvem as práticas de leitura e escrita (SILVA; MELO, 2007).

A análise das entrevistas nos mostrou, portanto, que, a leitura e a audição dos textos literários faziam parte do cotidiano desses poetas. De modo geral, os entrevistados referiram-se com frequência à figura paterna, ora como ouvinte e/ou incentivador, ora como produtores do gênero repente. Todos os entrevistados foram unânimes em afirmar que os pais eram ouvintes dos gêneros supracitados. Atentamos, ainda, para o fato de que 3 pais incentivavam os poetas a produzirem os textos e 3 tratavam-se de pais repentistas. Eis um exemplo extraído das entrevistas.

O maior incentivador das minhas poesias era meu pai. Eu escrevia e ele achava muito bonito. Ele perguntava o que eu estava fazendo e eu dizia que estava escrevendo uma poesia. Eu acostumava ler pra ele algumas, não todas. Ele dizia: “Olhe, quando for daqui a um tempo, se Deus quiser, você guarda todas as suas poesias que um dia, quem sabe. Eu sei que é caro publicar um livro, mas um dia eu faço uma economia e você faz também a sua e publica”.

Essas palavras de Marisa demonstraram o que estudos científicos parecem indicar. Várias pesquisas, nos últimos anos, têm demonstrado que a família assume um papel indispensável na formação de indivíduos leitores e produtores de textos orais e escritos. Com isso, não estamos querendo dizer que, sendo os pais leitores ou ouvintes, os filhos também necessariamente serão, na mesma intensidade, leitores assíduos ou vice-versa. Trata-se, sim, de ressaltar a influência da participação em eventos significativos de letramento, dentro e fora do espaço escolar.

No que concerne aos poetas cujos pais eram repentistas, notamos, na fala de Pedro, o intenso contato com as cantorias. Segundo ele, era necessário um grande conhecimento de mundo, já que o repente não era algo que se ensinava ou se aprendia, mas um dom.

Eu tive contato na minha própria casa, porque meu pai era repentista. Meu pai passava o dia todinho ensaiando. Eu no serviço com meu pai, na roça, ele cantava. Ele fazia as cantorias durante a semana e durante o trabalho ele ia cantando. Eu acho que isso foi um dom porque eu nunca tive. Apesar de ser admirador da poesia eu não tinha esse dom e de repente apareceu esse dom.

O improviso poético dos cantadores e a habilidade de composição das rimas era tido como um dom, muito embora fosse fundamental ter “conhecimento” sobre as temáticas que seriam abordadas e as regras de rima e métrica.

### **As temáticas mais recorrentes entre os poetas**

É importante ratificarmos que os repentes, os cordéis e as poesias abordavam uma pluralidade de temáticas. Em muitas situações, era necessária a pesquisa dos conteúdos que seriam tratados. Cláudia justifica esta ideia nos seguintes termos:

Pra fazer uma poesia com uma estrutura dessa, lógico que, antes eu conheço toda a história do meu lugar, mas também eu pesquisei. Primeiro, pesquisei quem foram as pessoas importantes do lugar, como o lugar surgiu, o que foi acontecendo no passo-a-passo, no dia-a-dia. E daí vem a construção. Então, você pensa no tema, mas tem que ver o que você quer, o que se enquadra dentro do contexto poético para produzir a poesia.



Desse modo, o exercício da pesquisa auxiliava no processo de produção textual e permitia que os poetas escrevessem sobre as histórias e seus personagens com maior riqueza de detalhes. À vista disso, destacou Pedro:

Cada poesia é um assunto, cada poesia que você pensa. Eu faço uma homenagem à minha cidade. Aí o que é que eu penso? Eu vou pensar no que tem na cidade, no que se passou com ela, entendeu? E aquilo ali eu vou montando, tendo conhecimento das histórias, dos fatos. Ali vou montando os versos, vou escrevendo e dali eu abordo qualquer assunto que interessa fazer nas poesias.

Apesar da diversidade temática desses textos, algumas tiveram maior popularidade entre os poetas entrevistados. Quantitativamente, foram priorizados, nos textos dos poeta, os elementos da própria realidade (4). Para os repentistas, os conteúdos das histórias dependiam dos temas sorteados ou lançados pela plateia (3). Nesse caso, Cícero explicou que não era suficiente ter o conhecimento sobre o tema. Seria necessário, sobretudo, que o cantador “entendesse o que tema pedia”, o que exigiria a habilidade de compor bons versos e de impressionar os ouvintes:

O que vier eu estou fazendo. O que o povo pede estou desenvolvendo. Mas já teve até tema que eu não conhecia a história. Aliás, eu não conhecia o personagem da história. Era até uma competição, um para tirar o outro. E caiu o tema “40 anos sem Marcos [Martin] Luther King”, já ouviu falar? Ele era um pastor americano que trabalhava em defesa da raça negra. Ele ajudava muito os pobres e trabalhou muito pela igreja. Aí o tema foi “40 anos sem Marcos [Martin] Luther King”. Aí, o que o tema pedia? O tema pedia para cantar a saudade e a falta que ele tava fazendo. Aí, o outro rapaz conhecia mais a história. Ele era evangélico, professor de faculdade, tinha o conhecimento mais amplo. Aí ele cantou a biografia de Marcos [Martin] Luther King. Que ele fez isso e aquilo, um bocado de coisa. Eu cantei só a falta que ele tava fazendo, a saudade por ele não poder mais ajudar os pobres e viver em aglomeração com o povo. Só essa parte. Terminei ganhando dele, mesmo ele conhecendo a história profunda de Marcos [martin] Luther King. Para o repentista é importante ele entender o que o tema pede.

Também foram recorrentes, nas falas dos poetas entrevistados, os temas relacionados aos sentimentos (3) às histórias que se ouvem (3), aos elementos da natureza (2), aos fatos históricos do lugar (2), aos acontecimentos políticos (2) e a homenagem a pessoas (2). É importante destacar que as poesias de contexto educativo (1) foram citadas apenas por Cláudia, uma professora de língua portuguesa da rede pública de ensino.

## **A memorização dos textos**

É importante destacarmos, nesta análise, o aspecto da memorização por parte dos poetas. A partir das entrevistas, pudemos perceber que os poetas alfabetizados não demonstraram maiores preocupações com a memorização dos cordéis e poesias, já que tinham o hábito de registrar por escrito as suas produções. Quanto aos repentes, vimos que estes não eram escritos ou decorados pelos cantadores/violeiros, uma vez que “eles nascem do improvisado”, conforme argumentou Antônio que, também, esclareceu: “Tá tudo aqui na cabeça. Um cantador que decora não é cantador não. A gente decora poema, toada. Agora o repente não. Sabe por quê? Por que o que a gente canta aqui, talvez não cante amanhã”.

No entanto, os registros dos repentes ocorriam, exclusivamente, em períodos de gravações de CD e DVD. Esta afirmação encontrou eco nos dizeres de Cícero:

“O repente se transforma em material quando a gente grava o CD e DVD. Mas, tem CDs também que a gente grava no improvisado, de pé de parede. Isso quer dizer que estão dois poetas lá e é tudo cantado na hora”.

É interessante mencionarmos que apenas um dos poetas populares entrevistados revelou ter facilidade em memorizar as próprias poesias. Segundo Pedro, era necessário decorar todas as histórias que havia construído durante o trabalho para, posteriormente, transcrevê-las. Sendo assim, era imprescindível a ajuda de um escriba, já que Pedro, poeta analfabeto, não dominava certas habilidades de escrita.

Então, quer dizer que eu primeiro penso na minha cabeça a história todinha e vou fazendo aqueles versos. E depois eu vejo onde vou colocar. Depois de 10, 12, 15 vezes eu decoro eles, vou fazendo e decorando. Depois eu vou botar eles em sequência e vendo as rimas. Onde vai pegar a rima e estrofes que dão certo, a primeira com a segunda, a terceira com a quarta, aí eu tenho a necessidade de ter uma ajuda da minha filha e às vezes da minha irmã, até professoras de português pra ver se tem algum erro. Meus textos é minha filha que escreve porque eu tenho essa dificuldade de escrever.

A facilidade de memorização das poesias, por Pedro, estava intimamente relacionada a dois aspectos fundamentais. Os textos eram construídos a partir de **enredos previamente conhecidos pelo poeta**. Por isso, era importante pensar, de antemão, como a história seria contada e sobre a sequência dos fatos. A outra questão se refere à **escolha e à distribuição das rimas** no texto. Desse modo, seria fundamental, portanto, saber o som com que terminariam determinados versos, fato ajudaria no processo de memorização.

## **O papel da rima e da leitura na composição poética dos textos**

Atentamos, ainda, para a importância atribuída à rima na elaboração desses textos. Todos os poetas citaram a rima como elemento substancial nesse processo, pois “é preciso ter rima certa. Se ela não tiver certa, o verso não fica certo”, afirmou Antônio. Acrescentamos a essa observação, outros aspectos também referenciados pelos repentistas ao longo das entrevistas, tais como: a métrica e a oração.

Precisa de três coisas: rima, métrica e oração. Rima é a palavra que rima com outra, ou seja, tem o mesmo som. Exemplo, CIDADE rima com SAUDADE, FELICIDADE e BONDADE. Já a métrica é a contagem da sílaba poética, como lhe expliquei nas sextilhas, nos motes em sete e decassílabo que não pode passar nem faltar na contagem das sílabas. E a oração é o tema explorado no repente ou poesia que você vai fazer (Cícero).

Em outros momentos, no entanto, José e Antônio, argumentaram ter maior facilidade em compor os repentes na modalidade de sextilhas, estrofe composta por seis linhas setissílabos no qual “a primeira, a quarta e a sexta linha são rimas soltas, não rimam uma com as outras. Agora, a segunda é obrigatória rimar com a quarta e a sexta, ou seja, as linhas ímpares não exigem a regra de rimar, já as linhas pares rimam uma com as outras”, elucidou Cícero.

Outro importante aspecto mencionado pelos entrevistados diz respeito ao domínio das habilidades de leitura. Quando perguntamos sobre o que facilitaria o processo de produção dos textos, José, prontamente, respondeu: “Se eu tivesse leitura eu acredito que fosse melhor”. Na mesma direção, disse Pedro: “Se eu tivesse um conhecimento de leitura grande, né? O repentista Deus dá o dom a ele, mas se ele não tem leitura, ele não cresce nunca. Então, ele vai ter aquela universidade de rimas grande. Aí você tem mais facilidade”.

Apesar desses poetas terem frequentado a escola, eles não haviam se apropriado, ao longo do processo de escolarização, das competências de leitura e escrita. Uma análise não sistemática dos materiais produzidos por esses poetas nos permitiu tecer algumas considerações. As produções de Pedro, por exemplo, não apresentavam uma métrica específica, havia estrofes com cinco, oito e até dez versos. As cantorias improvisadas por José e Antônio também seguiam padrões métricos variados.

## **O processo de construção de textos orais e escritos**

O processo de produção textual exigia, dos autores, conhecimentos variados e de diferentes graus de complexidade (SILVA; MELO, 2007). Como atestamos anteriormente, um dos poetas, apesar de não ler e escrever de forma autônoma, costumava fazer uso dessas

competências mediadas, na maioria das vezes, por outras pessoas. Considerando o exposto, Pedro declarou:

Depois da poesia feita e montada, minha filha vai ler pra mim. Daí eu vou ver também se realmente está dando certa a rima numa estrofe com a outra. Vejo se as rimas estão certas, porque eu peço pra ler pra mim ouvir. Por que, às vezes, ali dentro tem uma rima que não dá certo. Eu tenho até ajuda da pessoa, porque a gente discute e vê que tem uma rima que tá um pouquinho fora da outra.

Diversas ações de ordem cognitiva, linguística e social são mobilizadas durante esse processo (SILVA; MELO, 2007). Os poetas, analfabetos e alfabetizados, deparavam-se com uma série de procedimentos que envolviam: a escolha do tema, do enredo, das palavras, organização das ideias, revisão textual, entre outras decisões.

No que concerne à seleção das palavras para compor os textos escritos, todos os poetas alfabetizados disseram eleger palavras não usuais e pouco comuns:

As palavras eu procuro escolher principalmente palavras que não sejam comuns, principalmente na poesia rimada. Algumas palavras você coloca e fica uma rima desproporcional, então eu tenho o cuidado de ler muito, conhecer várias palavras, se for preciso usar o dicionário para saber se a palavra está no contexto em que eu quero usar. Você não pode usar palavras que enfeie sua poesia. Eu acho que a poesia é como se fosse um vestido, uma roupa, que você sai colocando enfeites, adereços, mas se você coloca uma coisa fora do lugar vai enfeiar, vai tirar o brilho da roupa assim como da poesia. Então eu tenho muito cuidado com as palavras que eu uso, palavras que não cabem ali ou que tenham, muitas vezes, um duplo sentido.

Nesse relato de Marisa, percebemos uma preocupação não somente com as palavras que seriam utilizadas no texto, mas, também, com os significados que elas imprimiam. Os poetas alfabetizados foram unânimes em dizer que usavam o dicionário, ora para escolha das palavras, ora para verificar a ortografia e os seus significados. Assim, explicitou Cláudia:

Bom, algumas palavras são escolhidas livremente. Mas, têm algumas poesias minhas que ela tem palavras complexas. Então, pra isso, eu uso o dicionário. Eu não lembro de uma poesia, mas se eu tivesse com o caderno aqui eu iria lhe mostrar que ela é difícil de você entender porque eu usei palavras que dá o fechamento da rima, mas que pra você entender o contexto dela é preciso pesquisar.

Ainda sob esse aspecto da seleção vocabular, apresentamos o depoimento de Cícero:

Nas minhas produções eu busco colocar palavras nunca ditas. Quer dizer, com palavras não porque todo mundo já disse. Mas com frases nunca ditas. Quer dizer, estrofes dentro do mesmo assunto, mas com as frases diferentes. Pra o repentista o importante é a composição das frases. Quando vai pra cantoria não tem como ir com as palavras já pensadas porque o tema sai na hora. No cordel, eu penso primeiro no título pra depois montar o cordel,

montar os versos e estrofes. Dá pra pesquisar e vê no dicionário o vocabulário de uma palavra ou outra.

Sem perder de vista as discussões apresentadas, vimos que, para produzir os textos, os poetas não percorriam os mesmos caminhos e nem os faziam do mesmo modo, pois planejavam e materializavam de formas diferentes. Alguns deles construía um pré-texto, que não era necessariamente escrito, mas elaborado e organizado mentalmente. Quanto a esse aspecto, assinalou Pedro:

[...] Por que eu não sei escrever, como eu já falei. A única coisa que eu sei fazer é a poesia. Mas, pra montar eu tenho que ter ajuda das pessoas que escreva e que passe para o computador para analisar direitinho. O processo é... Como eu tenho na minha cabeça aquilo decorado que eu fiz, eu peço ajuda da pessoa. Eu vou narrando e as pessoas vão escrevendo. Aí a gente vai montar, ver e procurar o nome da poesia. Depois a gente procura o título.

A utilização do rascunho como um recurso, frequentemente utilizado na construção dos textos, também foi referido por Cláudia. Além disso, havia uma preocupação do escritor com a compreensão do texto por parte do leitor:

Primeiro eu faço o rascunho. Vem a ideia do título e vou fazendo as sequências, o que encaixa ali. Muitas vezes eu escrevo, mas vejo que aquilo ali não se enquadrou no título. Aí, eu tenho que voltar, rever qual é a palavra que se encaixa com a que tinha e com o que quero passar para o meu leitor. Por que não adianta escrever por escrever. Você tem que escrever com um contexto de quem for ser o seu leitor, mais tarde entender o que você quis dizer. Por que, em uma leitura, tudo o que você lê tem várias versões. Muitas vezes você escreve com uma versão e com um pensamento e o leitor vê de outra forma. Então, é preciso muito cuidado com o que você vai escrever.

Como base nos relatos já apresentados, verificamos que a atividade de revisão permitia que os poetas, em um processo de idas e vindas, refletissem sobre as partes do texto: averiguasse a ortografia das palavras, a distribuição das rimas, a organização das ideias e das estrofes. Sobre isso, disse Pedro:

Eu faço o seguinte: Como eu vou pensando, eu vou fazendo o verso e vou montando as estrofes. Muitas vezes eu já tirei aquela que tá por último pra vim para primeiro. Eu vou montando os textos com verso, vou fazendo aqueles versos e vou deixando. Decoro eles e depois eu vou vendo a necessidade e onde vai caber aquele verso, aquela estrofe que eu fiz. Às vezes até a última vem pra primeira. Não tem a necessidade de fazer o primeiro verso e ele ficar no começo. Ele pode ir até pro fim. Depois dele pronto a gente vai ler. E tenho necessidade e já fiz da poesia tá pronta e ali eu vou pensando aquilo que eu fiz e tal. De repente, eu vejo que tem a necessidade de outra estrofe, de outro verso, entendeu? Para encaixar, eu lembro... Já teve várias vezes d'eu imprimir a poesia já pronta e depois eu desmanchar de novo para montar mais um, dois ou três estrofes porque eu

achei que teve necessidade de botar mais uns versos. Que nem eu já fiz vários. Sempre é necessário pra você checar a palavra, às vezes a rima não dá certo.

A revisão textual não era algo exclusivo aos poetas alfabetizados com domínio da leitura e da escrita e, nem tampouco, uma ação realizada, somente, ao final do processo de produção. Esse dado nos pareceu importante à medida que evidenciamos, por parte desses poetas, trajetórias de produção de textos ora semelhantes, ora distintas. Esses itinerários percorridos na construção dos textos orais e escritos, não eram empregadas do mesmo modo e nem, necessariamente, na mesma ordem, mas dependiam das escolhas realizadas pelos próprios poetas. Notamos que 2 poetas preferiam construir o título *a priori*, para posteriormente desenvolver o texto. Para Cícero, por exemplo, seria “essencial pensar no título porque se não se chega a lugar nenhum. Por que com o título em mente se chega ao roteiro desejado. Depois do título vem a inspiração, a construção e desenvolvimento poético do repente e do cordel”.

Esta decisão distingue-se das realizadas por Pedro e Marisa, já que eles optavam por construir primeiramente o texto para depois elaborar o título. No que diz respeito aos outros dois repentistas, a construção dos textos orais dependia dos temas lançados. Nessa conjuntura, Antônio comentou que “o repente é improvisado. Dão o tema e a gente improvisa dentro daquele tema”.

Segundo os próprios poetas entrevistados, os textos escritos apresentavam estruturas alteráveis e passíveis de ampliação, diferentemente do repente, cujo caráter de improvisação requeria do poeta a produção quase que imediata. Com isso, frisou Marcos, “o repente quando é improvisado pode vim com alguns erros, você fugir um pouco do tema e não explorar o tema a fundo. Já o cordel não tem como você errar. Tem como você melhorar ou mudar alguma coisa”.

Nesse estudo, vimos que os poetas analfabetos produziam os textos oralmente ou de forma escrita, mediados por um alfabetizado, porque possuíam, ao longo da sua trajetória de vida, certa familiaridade com os respectivos gêneros. Diante das discussões acima apresentadas, percebemos que os poetas, mesmo aqueles que não dominavam plenamente as competências de leitura e escrita, refletiam sobre as letras, os sons que elas imprimiam, o texto, a estética, a língua falada e escrita. Através das palavras escritas e/ou faladas, eles versavam sobre temáticas variadas e transformavam tudo que viam em rima. É desse modo que os poetas se envolviam em práticas de leitura e escrita, atribuíam sentido aos textos e

demonstravam outras formas possíveis de letramento, para além daquelas vivenciadas no contexto escolar.

### **Considerações finais**

Ao analisarmos os dados anteriormente apresentados, percebemos que os poetas populares apresentavam conhecimentos e práticas de produção textual ora semelhantes, ora distintas. Tal fato parecia estar diretamente relacionado com os conhecimentos que eles tinham sobre os gêneros textuais que produziam e, também, de como faziam uso de certas habilidades de leitura e escrita.

Com isso, os poetas já alfabetizados, por exemplo, buscavam incorporar nos seus textos palavras rebuscadas e, para tanto, utilizavam o dicionário como recurso que auxiliava e potencializava o processo de escrita dos textos. Por outro lado, esses sujeitos não demonstravam preocupação com a memorização, já que estavam habituados a registrar esses textos por escrito.

Para os poetas não alfabetizados, o domínio dessas competências de leitura e escrita eram extremamente importantes. Daí residiam as suas maiores dificuldades em produzir rimas mais diversificadas, em estruturar metricamente os textos de forma oral e/ou escrita, de organizar as ideias, fazer a leitura e oralizar os textos, ainda que, em muitas situações, utilizassem os mesmos procedimentos dos grupos de poetas alfabetizados.

Era comum, a todos os poetas, a realização de pesquisas sobre as temáticas abordadas nos textos, a revisão textual, a preocupação com a seleção vocabular e a rima. No entanto, as etapas ligadas ao processo de produção textual não eram empregadas do mesmo modo e nem, necessariamente, na mesma ordem, pois dependiam das escolhas realizadas (antes, durante e depois) pelos próprios poetas.

Os repentistas, embora não fizessem uso da escrita, possuíam uma enorme capacidade em compor os versos poeticamente. Durante as apresentações, as preocupações, desses entrevistados, não se assentavam somente no conteúdo dos repentes, mas, também, na forma como seriam oralizados.

Constatamos, também, que os entrevistados tiveram contato com os gêneros textuais que produziam muito cedo. As experiências significativas de letramento vivenciadas, ainda na infância, parecem ter permitido refletir sobre a língua, os usos e as funções sociais desses gêneros literários (poesia, cordel e repente) no cotidiano.

## Referências bibliográficas

ALCOFORADO, D. **Oralidade e Literatura. In: Oralidade e Literatura: outras veredas da voz** (Org.). FERNANDES, Frederico. Londrina: EDUEL, 2007.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Tradução Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa: Edições, 1979.

GALVÃO, A. M. O. **Cordel: leitores e ouvintes**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

\_\_\_\_\_. **Ler/ouvir folhetos de cordel em Pernambuco: 1930-1950**. 2000. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

\_\_\_\_\_. **Oralidade, memória e a mediação do outro: práticas de letramento entre sujeitos com baixos níveis de escolarização – o caso do cordel (1930-1950)**. Revista Educação e Sociedade, vol.23 no.81, Campinas Dec. 2002

KOCH, I. V; ELIAS V. M. **Ler e escrever. Estratégias de produção textual**. São Paulo: Editora Contexto. 2009.

LAVILLE, C; DIONNE J.; SIMAN, L.M.C. **A construção do saber; manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1999.

MARCUSCHI, L. A. **Fala e escrita**. 1. ed., 1. reimp. — Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

MINAYO, M.C.S. (org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2011.

MORAIS, A. G. **Se a escrita alfabética é um sistema notacional (e não um código), que implicações isto tem para a alfabetização?**. In: MORAIS, A. G; ALBUQUERQUE, E. B. C.; LEAL, T. F. (Org.). **Alfabetização: apropriação do sistema de escrita alfabética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SAUTCHUK, J. M. M. **A Poética do Improviso: prática e habilidade no repente nordestino**. Tese de Doutorado. Brasília: Universidade de Brasil, 2009.

SILVA, A; MELO, K. L. R. **Produção de textos: uma atividade social e cognitiva**. In: LEAL, Telma Ferraz; BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi (Org). **Produção de textos na escola: reflexões e práticas no Ensino Fundamental**. 1ed., 1 reimp— Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.